

A alfabetização de jovens e adultos - a abordagem de Paulo Freire

RAIMUNDO NONATO TEIXEIRA

Doutorando em Desenvolvimento Local (UCM/UCDB), Mestre em Educação pela UCDB, professor de Educação de Jovens e Adultos e História da Educação, coordenador do NEPA - Núcleo de Estudos Pedagógicos Avançados/UCDB.

RESUMO ABSTRACT

È inegável a contribuição do educador Paulo Freire para a implantação no Brasil de uma educação popular tendo como foco principal o combate ao analfabetismo, expressão da pobreza, da miséria e do subdesenvolvimento. A grande obra desse educador, referência em educação para a América Latina, apresenta o compromisso de valorizar o diálogo e a interação como fundamentos necessários para a libertação do educando. Paulo Freire influenciou beneficentemente os movimentos educacionais no Brasil e em outros países a partir da década de 1950.

Paulo Freire's contribution to the implantation in Brazil of widespread education is undeniable having as its main thrust the combating of illiteracy, which is the expression of poverty, misery and underdevelopment. The great work of this educator, a reference in education for Latin America, presents the obligation of the giving of importance to dialogue and interaction as necessary fundamentals for the liberation of the pupil. Paulo Freire beneficently influenced educational movements in Brazil and in other countries as of the 1950s.

PALAVRA-CHAVE KEY WORDS

Paulo Freire
educação
alfabetização

*Paulo Freire
education
literacy*

Neste texto procuraremos analisar a contribuição do educador brasileiro Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos e, principalmente, a sua benéfica influência para a alfabetização de adultos, resgatando através da mediação, interação e diálogo, o direito à educação básica.

Pelo seu trabalho incansável em favor da educação, tornou-se referencial para a educação na América Latina, fundamentando sua ação no debate, na problematização e na conscientização. Para ele, o professor é o animador do processo e a alfabetização de adultos não se apóia no autoritarismo e sim na interlocução e na construção de significados.

Vamos iniciar nossa reflexão a partir do final dos anos de 1950, quando surge em Pernambuco uma nova perspectiva em educação, fundamentada nas idéias pedagógicas avançadas, cujo principal líder, Paulo Freire, aponta causas sociais para o analfabetismo e coloca como condição “sine qua non” para a sua superação, o desenvolvimento.

Para ele, ninguém é analfabeto porque quer; as condições sócio-econômicas, as desigualdades sociais, a fome, a miséria são as causas deste mal que, por longas décadas o Brasil não conseguiu superar. Como afirma Gadotti (1995, p. 28), ao explicitar o pensamento de Paulo Freire: “[...] o analfabetismo é a expressão da pobreza, conseqüência inevitável de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem combater suas causas”.

Freire (1979, p. 71) é explícito ao analisar o conceito de analfabeto: “O analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler”.

Percebemos nessa concepção que a aquisição da leitura e da escrita não é algo meramente mecânico mas sim um processo que parte da necessidade de aprender a ler e escrever, como uma carência ou necessidade pessoal.

Álvaro V. Pinto (1991)¹, em obra de importância, garante que não se pode aceitar o pressuposto de que o analfabeto seja “tabula rasa”

como se não fosse possuidor de desejo, paixão, angústia, e capaz de explicitar carências, bem como suas lutas cotidianas e coletivas.

Para esse educador brasileiro, a questão do conceito de alfabetização está intimamente ligada à abordagem que se tem da educação como um todo, evidenciando-se uma visão mais abrangente que se pode chamar de integral, ou seja, onde se resgate a preocupação com a pessoa que se apropria da leitura e da escrita, das operações matemáticas, que tenha comunicação interpessoal, seja elemento ativo na sociedade e, conseqüentemente, construtor do desenvolvimento pessoal e coletivo. Esta é a concepção integral de alfabetização e pós-alfabetização.

Combatendo e criticando a educação bancária que consiste em considerar o aluno uma “tabula rasa”, um receptáculo do saber, um ser passivo nos moldes tradicionais, Paulo Freire propunha uma educação que fosse instrumento de transformações sociais, que levasse a pessoa à **conscientização**, entendida como processo pelo qual o homem adentra as causas profundas dos acontecimentos da realidade social e, por conhecê-las, tende a se comprometer com a realidade e, por conseqüência, contribuir na solução dos problemas a partir do combate às causas que lhe dão origem, entre elas: a fome, a miséria, a falta de emprego, de moradia, de trabalho.

Freire distingue, de forma clara, a consciência intransitiva, da crítica e da fanática. Para ele, a consciência intransitiva se caracteriza pelo predomínio da vida vegetativa, e tem como efeito o desconhecimento e desinteresse pela realidade social, havendo em conseqüência, um descompromisso com o mundo em seu entorno. Para ele, na consciência crítica há a compreensão da realidade pelas causas profundas ou seja pela raiz da questão (radicalidade) e, na fanática, há uma entrega irracional que fundamenta o sectarismo e atitudes anti-sociais. A alfabetização deve provocar a consciência crítica das pessoas.

Esse pedagogo brasileiro, consagrado em todo o mundo, contribuiu praticando e teorizando a educação popular.

COMPROMISSO COM A ALFABETIZAÇÃO

Nasceu em Recife e suas primeiras experiências são desenvolvidas em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde 300 trabalhadores da área rural foram alfabetizados em 45 dias. O resultado foi tão surpreendente que Miguel Arraes, à época Governador de Pernambuco, autorizou em 1962 a experiência em favelas do Recife e o Presidente João Goulart, em nível nacional, pretendendo implantar vinte mil “círculos de cultura” e alfabetizar dois milhões de adultos por ano. Tinha-se como certo que do contato direto e mutuamente receptivo com o povo, os métodos iriam se definindo.

Paulo Freire, com o golpe militar de 1964, passou 14 anos exilado, inicialmente no Chile e depois em vários países, tornando-se assim, um “cidadão do mundo”, divulgando suas idéias pedagógicas por todos os continentes, sendo merecedor de distinção da UNESCO pelo seu trabalho e luta em favor da superação do analfabetismo no Brasil, em Guiné Bissau (ex-colônia portuguesa), em Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, bem como na Nicarágua, na América Central, e Estados Unidos.

A partir de sua formação inicial cristã, passa pelo neotomismo, fenomenologia, existencialismo e neomarxismo. Sua primeira obra foi escrita em 1965, “Educação como prática da liberdade”, tem uma abordagem idealista bem de acordo com a ideologia católica. O humanismo cristão foi a base do pensamento de Freire que defendia, também, a mudança do homem para mudar a sociedade e não o inverso como defendem os materialistas de vários matizes. Outras obras, tais como “Pedagogia do Oprimido” (1970), retratam a concepção dialética e crítica do mundo. Por isso, Paulo Freire opta por um método que valoriza o saber do aluno, promove o diálogo, a valorização da cultura local, a problematização e a participação integral do aluno.

Freire (1994, p. 15) assim se expressa:

Mas como realizar esta educação? Como proporcionar ao homem meios de superar suas atitudes, mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade? Como ajudá-lo a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos? Como ajudá-lo a inserir-se? A resposta nos parecia estar: a) num método ativo, dialogal, crítico

e criticizador, b) na modificação do conteúdo programático da educação, c) no uso de técnicas...Somente um método ativo, dialógico, participante, poderia fazê-lo.

Dentro desta visão Freire (1974, p. 44), afirma:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e não comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Para esse educador brasileiro é preciso, inicialmente, na alfabetização, fazer o levantamento do universo vocabular do estudante a fim de identificar as palavras geradoras, as palavras de uso mais freqüente.

É evidente que as palavras geradoras variam conforme o meio natural. Em Pernambuco, Freire identificou as seguintes palavras: tijolo, voto, siri, palha, biscate, cinza, doença, chafariz, máquina, emprego, engenho, mangue, terra, enxada, classe. Nas favelas do Rio de Janeiro, foram outras as palavras sugeridas para a alfabetização: favela, chuva, arado, terreno, comida, batuque, poço, bicicleta, trabalho, salário, profissão, governo, mangue, engenho, enxada, tijolo, riqueza. Essas palavras geradoras eram retiradas de um contexto histórico narrativo em que os educadores e educandos discutiam as suas realidades de vida. Eram palavras ricas de sentido e “grávidas de mundo”, não podendo ser reduzido esse método ao silabismo fonético do ta, te, ti, to, tu.

O autor de *Pedagogia do Oprimido* desde o início investiga e propaga uma educação de adultos que se instrumentalize na mediação, interação e diálogo.

O “Sistema de Alfabetização Paulo Freire” tem sido o grande referencial nos últimos 30 anos. Para ele, o educando adulto é tratado como sujeito do próprio conhecimento e não como objeto. Entende que o jovem e o adulto são portadores de um conhecimento que se fundamenta na sua cultura, nas suas experiências. Palavras geradoras são extraídas do seu universo vocabular e são temas de discussão nos

círculos de cultura. Dá ênfase à silabação das palavras geradoras, isto é à decomposição da palavra em todas as sílabas seguidas da consequente recomposição delas e a formação de novas palavras.

Depois do levantamento vocabular, os “círculos de cultura” oferecem a oportunidade de debate, de problematização, de conscientização. A Alfabetização para ele não é puramente mecânica, decifração de códigos ou de sinais gráficos, mas, enquanto se desenvolve o processo de aquisição da leitura e da escrita, que é aprendizagem de significados, dá-se primordialmente, a conscientização. O professor, nesse processo, é um animador, evitando toda forma de autoritarismo, promovendo a interlocução e o diálogo.

O método de alfabetização de Paulo Freire pretende integrar a leitura da palavra à leitura do mundo, pois essa precede aquela. Lê-se a palavra e se aprende a escrever a palavra como consequência de quem tem a experiência do mundo e de estar em contato com o mundo e em condições de mudá-lo.

Freire (1971, p. 120) afirma: “[...] na alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem”.

O professor é portanto um animador e não sucumbe a técnicas e comportamentos autoritários. É ele quem, no diálogo, resgata o “saber de experiência feito” dos adultos não alfabetizados.

Esse educador brasileiro não é a favor de cartilhas que são elaboradas para todo um país e que fatalmente ficarão distantes da realidade dos educandos. Para ele, as cartilhas não contribuem com o processo de criação do adulto em processo de alfabetização. Afirma que as palavras devem ser criadas e não “doadas”. O alfabetizando é o sujeito e não objeto da alfabetização. As cartilhas, inevitavelmente, não favorecem a esta concepção.

Alfabetizar, par esse educador pernambucano, é libertar e em última instância, ensinar o uso da palavra, “exorcizando do peito do oprimido a sombra invasora da opressão, tirando do trabalhador a culpa indevida do não-saber”.

Paulo Freire identifica o alfabetizando como sujeito da aprendizagem, portador de um conhecimento, de uma aprendizagem que ocorre a partir das experiências, do diálogo, da leitura do mundo, da concepção de alfabetização como construção de significados.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1980, p. 91), explicita:

Ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte uma delas se ressentite, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.

Como a educação freireana é problematizadora, o conteúdo social é base para conscientização, valorização da cultura popular, da leitura do mundo, como se pode analisar em suas palavras, Freire (1990, p. 31)

È impossível levar avante meu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização, separando completamente a leitura da palavra da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever o mundo”, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo.

Escrever o mundo é, de certa forma, transformar o mundo, vivenciando a realidade que nos envolve, daí a necessidade de estar em contato com o mundo..

Monclús (1990, p. 76) ao analisar a abordagem freireana afirma:

No es una casualidad que Paulo Freire, trabajando con adultos, llegara a conclusiones de esse tipo, ni que fora Vygotskyano antes de conocer a Vygotsky. Y no es una casualidad que en el lenguaje Freire descubriera en la práctica un metodo educativo, que además de alfabetizar, permitia entrar lleno em el mundo del adulto desde la perspectiva de la educación com pleno derecho, y no como en una actividad educativa secundaria o marginal com respecto a un presunto único sistema educativo/escolar.

O adulto não alfabetizado chega à sala de alfabetização com uma postura de quem tem conhecimento, tem o “saber de experiência feito” sendo inquestionável que seja tratado como adulto e não como criança.

É por isso que Freire (1990, p. 32) esclarece:

[...] A leitura do mundo precede mesmo a leitura da palavra. Os alfabetizados precisam compreender o mundo, o que implica falar a respeito do mundo; finalmente, uma alfabetização crítica, sobretudo, uma pós-alfabetização não pode deixar de lado as relações entre o econômico, o cultural, o político, o pedagógico.

Essas categorias se integram no processo educacional, sendo fundamental para a leitura do mundo o acesso ao econômico, ao cultural, ao político e ao pedagógico. Nota-se no Brasil e em outros países da América Latina, do terceiro mundo que o analfabetismo é a expressão da miséria e do subdesenvolvimento.

Com coerência Paulo Freire dizia freqüentemente que para superarmos o nosso atraso secular era preciso nos identificarmos com a nossa cultura e com o nosso “terceiromundismo” sem remorsos.

Monclús (1990, p. 23) garante que:

Paulo Freire, desde su inicial contexto brasileño, se va a constituir em um pólo de referencia para la educación de adultos em América Latina, que va a ver brotar en estos años una riqueza fabulosa de experiencias y planteamientos diversos.

Paulo Freire influenciou vários movimentos culturais desencadeados na década de 1960 tendo em vista a animação cultural, a educação popular, se integrando em campanhas e movimentos de alfabetização em todo o país. Surgem movimentos de educação popular que recebem o apoio e outras vezes o repúdio das classes políticas que vêm nestas ações, um prejuízo para suas bases eleitorais.

A história da educação de jovens e adultos e em especial da alfabetização das massas registra a colaboração e a participação de organizações culturais, principalmente no início da década de 60, período em que houve maior organização destes movimentos. Entre eles podemos citar:

Centros Populares de Cultura (CPC) - criados em 1961 por iniciativa da UNE - União Nacional dos Estudantes. Esses centros se desenvolveram até 1964 e tiveram uma preocupação com a educação popular e com a alfabetização de jovens e adultos.

Movimento de Cultura Popular (MCP) - são movimentos surgidos em 1960, ligados à Prefeitura de Recife. A esse respeito Paiva (1983, p. 252) afirma:

Trabalhando no MCP de Pernambuco, Paulo Freire começou a utilizar duas instituições que serão básicas para o seu método: os círculos de cultura e os centros de cultura, nos quais eram organizados grupos de debates para o esclarecimento de situações problemáticas, com ajuda visual.

Nesses grupos procurava-se fazer uma análise da realidade brasileira e a adoção de um método que trouxesse resultados positivos à alfabetização de jovens e adultos, numa busca de conscientização dentro da concepção ideológica, problematizadora, nas palavras de Freire (1994, p. 28)

[...] o educador ou a educação progressista ainda quando, às vezes, tenha de falar **ao** povo, deve ir transformando o **ao** em **com** o povo. E isso implica o respeito ao saber de experiência feito, de que sempre falo, somente a partir do qual é possível superá-lo.

O **Movimento de Cultura Popular (MCP)** se multiplicou em escala menor que o CPC. Esse movimento evitou a imposição de padrões culturais e incentivou o diálogo com o povo, resgatando seus valores e costumes .

Um dos objetivos explícitos deste movimento era a alfabetização que precisava ser desenvolvida a partir da criação de novos métodos. A educação e a educação de base eram os fundamentos, contudo, faltaram recursos financeiros para a sua difusão em outros estados brasileiros, restringindo-se ao Recife e Rio Grande do Norte, onde se desenvolveu a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”.

O **Movimento de Educação de Base (MEB)**, criado em 1961, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, realiza campanhas de alfabetização de adultos em todo o país. Os governos têm financiado o MEB em decorrência da liderança que os bispos exercem no seio da sociedade brasileira.

O Movimento de Educação de Base foi financiado pelo Governo da União e se caracterizou como movimento de cultura popular. Inicialmente, o objetivo do MEB era a alfabetização, no contexto da

educação de base, promovendo o homem rural na sua preparação para a reforma agrária. Visava oferecer uma educação de base que levasse ao camponês uma concepção de vida, a consciência de seus valores. O MEB para atingir os seus objetivos lançou-se à tarefa de educação de base através das escolas radiofônicas. Na realidade o MEB não se extinguiu em 1964. Suas atividades foram diminuindo e teve que, de alguma forma, se adaptar ao regime de exceção que foi implantado no Brasil a partir de 1964.

Outros movimentos foram implantados no Brasil, buscando a alfabetização de jovens e adultos. Em todos, esse educador brasileiro exerceu uma influência salutar, privilegiando o saber prévio dos alunos, promovendo a transformação social a partir da “leitura do mundo”, base real e concreta para a “leitura da palavra”.

NOTAS:

¹ Obra fundamental para o estudo e a análise da alfabetização de adultos no Brasil. O título da obra é *Sete lições sobre a educação de adultos*. 4.ed. São Paulo: Ed Cortez, 1991. Nessa obra Álvaro Vieira Pinto expressa as idéias e os fundamentos filosóficos dessa modalidade de ensino. Resgata a importância do sujeito cognoscente e construtor da História. Para esse autor, o aprendiz traz para a escola um conhecimento já construído a partir da interação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. *Educação de jovens e adultos - teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez, 1995.
- NOGUEIRA, Nildo Ribeiro. *Pedagogia dos projetos - uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo: Erica, 2001.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1983.